

João Evangelista Martins Terra, SJ

○
Deus
dos
Semitas



O
Deus
dos
Semitas

Benedictus XVI
Papa emeritus

**Ago gratias
cum benedictione**

Tante felicitazioni per il compimento della Sua grande tesi!

Suo nel Signore

Benedetto XVI

**Tante felicitazioni per il compimento della Sua grande tesi!
Suo nel Signore
Benedetto XVI**

João Evangelista Martins Terra, SJ

O
Deus
dos
Semitas



Edições Loyola

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terra, João E. M.
O Deus dos semitas / João E. M. Terra. -- São Paulo : Edições
Loyola, 2015.

Bibliografia.
ISBN: 978-85-15-04224-1

1. Deus 2. Judeus – História 3. Religião I. Título

15-12710

CDD-296

Índices para catálogo sistemático:

1. Deus : Judeus : História 296

Preparação: Vero Verbo Serviços Editoriais

Capa: Bruna Alvarenga

Foto de capa: Worshipper of Larsa (2004 aC-1595 aC).

Bronze e ouro (19,6 cm x 7 cm). Louvre Museum,
Paris França. Foto de Marie-Lan Nguyen, 2014
<[http://commons.wikimedia.org/wiki/
File:Worshipper_Larsa_Louvre_AO15704.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Worshipper_Larsa_Louvre_AO15704.jpg)>

Foto da Contracapa de Rosemaniakos from Beijing, 2005

(imagem postada originalmente para Flickr
<[http://commons.wikimedia.org/wiki/
File:Mesopotamia_male_worshiper_2750-
2600_B.C.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mesopotamia_male_worshiper_2750-2600_B.C.jpg)>

Diagramação: Rosilene de Andrade

Revisão: Renato da Rocha

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 55 11 3385 8500

F 55 11 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-04224-1

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015

BEATISSIMAE VIRGINI MARIAE
REDEMPTORIS MATRI ET ECCLESIAE PROTOTYPE
HOC QUAECUMQUE OPUS
PIE DEDICAT
AUCTOR

OPUS
JESUITAE PPAE FRANCISCO
DICATUM

DILECTISSIMO BENEDICTO XVI
"GRATITUDINIS" PIGNUS

SOCIETATI JESU
MATRI AC MAGISTRAE
FILIALE AFFECTU
GRATIAS AGO

OMNIBUS CARISSIMIS JESUITIS UBIQUE ORBIS DEAGENTIBUS QUOS
FRATERNE AMO ET PRO QUIBUS INDESINENTER DEUM EXORANDO
HOC TOTIUS VITAE MEAE OPUS OFFERO
A.M.D.G.

MANUDUCTORIBUS MEIS PER DIMIDIUM SAECULUM
IN ORIENTALIBUS PLAGIS: A.BEA, POHL, MASSART, FOLLET, PROULX,
ZERWICK, PRÜMM, PATTI, VACCARI, DAHOOD, MORAN, LOHFINK,
VOGT, LA POTTERIE, LYONNAIS, DE FINANCE, NORTH, LONERGAN,
RAHNER, D'ALVERNY, MORS, KIPPER, LADUSANS, VON SODEN, H.
WEHR, KÖRBERT, FLEISCH, ALONSO SCHÖCKEL
HOC MEMORIALE PERPETUUM

ANGELE CUSTOS, COMES FIDELIS IN OMNIBUS VIIS MEIS
ILLUMINANS SEMPER PER ME STAS
GRATISSIMUS

SUMÁRIO

ELENCO BIBLIOGRÁFICO COM SUAS SIGLAS	XVII
PRESENTACIÓN	XXI
INTRODUÇÃO	XXIII

CAPÍTULO I

AS LÍNGUAS SEMITAS	1
DIVISÃO DAS LÍNGUAS SEMITAS	2
SEMÍTICO	3
BIBLIOGRAFIA DE BASE	4
1. LÍNGUAS SEMÍTICAS	4
2. SEMÍTICO ORIENTAL: ACÁDICO	4
3. SEMÍTICO OCIDENTAL NORTE	5
4. CANANEU	6
5. FENÍCIO-PÚNICO	7
6. UGARÍTICO	7
7. EBLAÍTA	8
8. HEBRAICO	9
9. DICIONÁRIOS	10
10. ARAMAICO ORIENTAL	10
11. MANDEU	10
12. ARAMAICO OCIDENTAL	11
13. ARAMAICO PALESTINENSE	11
14. PALMIRENSE-NABATEU	12
15. SEMÍTICO SUL-OCIDENTAL	12
16. NORTE	12
17. SAFAÍTICO	12
18. LIANITA	13
19. ÁRABE SUL	13
20. ETIÓPICO SEMÍTICO	13

CAPÍTULO II

LÍNGUAS E RELIGIÕES SEMÍTICAS ORIENTAIS: SÍNTESE	15
HISTÓRIA DA MESOPOTÂMIA	17
1. OS SUMÉRIOS.....	17
2. OS ACÁDICOS.....	18
<i>Período de Ur (2067-1955)</i>	19
3. OS AMORREUS – dinastia babilônica – (1830-1530).....	19
4. OS CASSITAS (1530-1160 – ou, segundo Dhorme, da metade do século XVIII à metade do século XII).....	20
5. OS ASSÍRIOS.....	20
<i>História</i>	20
<i>Império medo</i>	21
<i>Império novo (932-606)</i>	21
<i>Fim da Assíria</i>	22
Os caldeus e o império neobabilônico.....	22
LÍNGUAS E RELIGIÕES SEMÍTICAS ORIENTAIS.....	22
SUMÉRIA.....	22
INFLUÊNCIA RELIGIOSA SUMÉRIA.....	23
<i>Panteão sumério-acádico</i>	23
<i>A ideia do divino</i>	25
<i>Antropomorfismo</i>	26
<i>Os deuses do mundo</i>	26
I - O DEUS DO CÉU: AN, ANUM, ANU	26
II - O DEUS DA TERRA: ENLIL, ELLIL	27
<i>O deus da terra</i>	28
<i>Enlil e os homens</i>	28
III - O DEUS DAS ÁGUAS: ENKI, ÉA	28
<i>Éa e a magia</i>	28
<i>Criador dos homens</i>	29
<i>Benfeitor da humanidade</i>	29
<i>A tríade suprema</i>	29
<i>As esposas de Éa</i>	30
IV - O DEUS DO INFERNO: NERGAL.....	30
<i>A trindade astral</i>	30
<i>Deuses da natureza e deuses nacionais</i>	31
CONCLUSÃO.....	31
TENDÊNCIA AO MONOTEÍSMO?.....	32
GÊNESE DOS DEUSES	35
I - Fator político-social: Estado	35
II - Fator cósmico.....	35
III - Fator psicológico	36

MARDUC, DEUS ÚNICO.....	37
<i>Marduc como hipóstase dos outros deuses</i>	38
A ESSÊNCIA DIVINA DE MARDUC, ÚNICO DEUS.....	39
<i>Evocação de Marduc</i>	40
BIBLIOGRAFIA	41
I. GRAMÁTICA ACÁDICA-ASSÍRIA-BABILÔNICA.....	41
II. DICIONÁRIOS ACÁDICO-ASSÍRIOS.....	43
CAPÍTULO III	
DEUS ILU- NAS RELIGIÕES SEMITAS DA MESOPOTÂMIA.....	45
O DEUS DO CÉU.....	47
O DEUS CELESTE.....	48
ILU, UM DEUS PESSOAL?.....	49
BIBLIOGRAFIA	51
I. MESOPOTÂMIA.....	51
CAPÍTULO IV	
GRUPO NORTE-OCIDENTAL DAS LÍNGUAS SEMÍTICAS: ARAMAICO, CANANEU, FENÍCIO, HEBRAICO, UGARÍTICO, EBLAÍTA.....	57
POVOS SEMITAS	58
I - ARAMEUS.....	58
1. <i>A religião dos arameus</i>	60
2. <i>A língua aramaica</i>	60
2.1. Aramaico ocidental.....	63
2.2. Aramaico oriental.....	63
3. <i>Deus na língua aramaica</i>	63
II – CANANEUS.....	65
1. <i>A língua fenícia ou cananea</i>	65
2. <i>Religião dos fenícios</i>	66
2.1. O panteão fenício.....	66
2.2. Divindades femininas.....	68
2.3. Divindades púnicas.....	68
2.4. Lugar de culto.....	69
2.5. Lugares e símbolos sagrados.....	70
BIBLIOGRAFIA	70
ARAMAICO – GRAMÁTICA.....	70
II. ARAMAICO – DICIONÁRIO.....	72
III. FENÍCIO E PÚNICO.....	74
IV. SIRÍACO-GRAMÁTICA-DICIONÁRIO.....	76

X O DEUS DOS SEMITAS

CAPÍTULO V

UGARIT	79
1. LÍNGUA E RELIGIÃO DE UGARIT	80
2. O DEUS EL EM UGARIT	83
3. ETIMOLOGIA DE EL EM UGARÍTICO	83
4. EL COMO NOME PRÓPRIO DE UM DEUS PESSOAL	84
5. ETIMOLOGIA DE EL	84
6. EL NO PANTEÃO UGARÍTICO	85
7. ATRIBUTOS DO DEUS UGARÍTICO EL	85
8. A MORADA DE EL	88
9. EL, DEUS PAI PATRIARCAL	89
BIBLIOGRAFIA	91
I. UGARÍTICO – GRAMÁTICA	91
II. DICIONÁRIOS UGARÍTICOS	92
III. UGARÍTICO – RELIGIÃO	93
IV. UGARÍTICO – HISTÓRIA	96

CAPÍTULO VI

EBLA	101
DEUS NA RELIGIÃO DE EBLA	102
CLASSIFICAÇÃO DOS TEXTOS DE EBLA	105
a) TEXTOS ECONÔMICO-ADMINISTRATIVOS	105
b) TEXTOS HISTÓRICOS E JURÍDICOS	105
c) DICIONÁRIOS	105
d) SILABÁRIOS	105
e) TEXTOS MÍTICO-RELIGIOSOS	105
3. ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DE EBLA	106
4. DECADÊNCIA DE EBLA	106
5. A RELIGIÃO DE EBLA	107
6. O DEUS IL	109
7. SINCRETISMO E TENDÊNCIA PARA O MONOTEÍSMO	110
8. SINCRETISMO	111
9. O SENHOR DO CÉU E DA TERRA	111
10. EBLA, ABRAÃO E O ANTIGO TESTAMENTO	112
11. INCULTURAÇÃO DO PANTEÃO EBLAÍTA NO JAVISMO BÍBLICO	113
BIBLIOGRAFIA	117
I. EBLA – GRAMÁTICA – DICIONÁRIO	117

CAPÍTULO VII

LÍNGUA E RELIGIÃO ÁRABE PRÉ-ISLÂMICA	121
1. DEUS	123
2. O PANTEÃO ÁRABE	123
1. AS TRÊS GRANDES DIVINDADES	123
2. DIVINDADES SECUNDÁRIAS	125

RELIGIÃO DOS ÁRABES NABATEUS E PALMIRENSES	125
1. AS DEUSAS: ILÂT-ALLÂT E RUDÂ-URÂNIA; OZZA E MANÂT	126
2. OZZA (AL'UZZÂ).....	126
3. O DEUS DE "FULANO DE TAL"	127
4. PARES DE DEUSES	127
5. O DEUS ANÔNIMO.....	127
6. ATIVIDADES DIVINAS RELATIVAS À PRÓPRIA DIVINDADE	128
6.1. <i>Interdependência das divindades</i>	128
6.2. <i>Relações de igualdade</i>	129
7. A IDEIA DA DIVINDADE ENTRE OS ÁRABES DO SUL	129
8. EL COMO UM DEUS PESSOAL DOS ÁRABES PRÉ-ISLÂMICOS	130
9. MONOTEÍSMO ÁRABE ANTES DO ISLAM?	131
BIBLIOGRAFIA	133
I. ÁRABE – GRAMÁTICA.....	133
II. GRAMÁTICA E DICIONÁRIOS DE ÁRABE E CÓPTICO	134

CAPÍTULO VIII

EL EM ISRAEL	137
1. ORIGENS DA PALAVRA 'EL	137
2. ETIMOLOGIA DA PALAVRA 'EL	138
3. O USO DA PALAVRA EL NO ANTIGO TESTAMENTO	139
4. EL NAS RELIGIÕES SEMITAS NO TEMPO DOS PATRIARCAS	140
5. EL NO ANTIGO TESTAMENTO	142
6. EL E OS RELATOS PATRIARCAIS	144
7. O DEUS DO PAI	146
8. CARACTERÍSTICA DO "DEUS DOS PAIS"	148
9. DEUS DO PAI, DIVINDADE NÔMADE	148
10. O TEMA DA PROMESSA	149
11. EL E O DEUS DO PAI	149
12. EL E A HISTÓRIA DOS PATRIARCAS	150
13. INTERPRETAÇÃO DAS DENOMINAÇÕES DE EL	152
13.1 EL BETEL.....	154
13.2 EL ROÍ.....	154
13.3 EL OLAM.....	155
13.4 EL SHADDAI.....	156
14. PATRIARCAS FUNDADORES DE SANTUÁRIOS?	160
15. EL E JAVÉ	162
16. EL FORA DA HISTÓRIA PATRIARCAL	164
17. EL QANNÁ	165
18. EPÍTETOS DE EL	165
19. JAVÉ E EL	168
BIBLIOGRAFIA	170
I. HEBRAICO – GRAMÁTICA.....	170
II. HEBRAICO – DICIONÁRIOS	174

XII O DEUS DOS SEMITAS

CAPÍTULO IX

ELOHIM NO ANTIGO TESTAMENTO.....	179
1. USO.....	180
2. USO DA PALAVRA ELOHIM	180
3. ETIMOLOGIA.....	182
OSMOSE SINCRÉTICA DO DIVINO	184
USO DA PALAVRA ELOHIM NO ANTIGO TESTAMENTO	186
1. CONCEPÇÃO MÍTICA.....	186
ELOHIM, DEUS DE UMA PESSOA	187
ELOHIM, “DEUS DOS PAIS”.....	189
DEUS DO POVO OU POVO DE DEUS.....	190
ELOHIM E JAHVÉ.....	190
IDENTIFICAÇÃO ENTRE JAHVÉ E ELOHIM.....	191
ELOHIM COMO EXPRESSÃO DA UNICIDADE E TRANSCENDÊNCIA.....	192
BIBLIOGRAFIA.....	193
I. ISRAEL – HISTÓRIA	193

CAPÍTULO X

O DEUS DOS SEMITAS – NOMES TEOFÓRICOS ACÁDICOS	207
DEUS EL- ILU- NOS NOMES TEOFÓRICOS SEMITAS.....	208
ESTUDOS SOBRE OS NOMES PESSOAIS (TEOFÓRICOS) SEMITAS	208
O DEUS DOS SEMITAS – NOMES TEOFÓRICOS.....	209
O MOMENTO DA IMPOSIÇÃO DO NOME.....	211
QUEM DAVA O NOME?	211
MUDANÇA DE NOME.....	211
FORMAÇÃO E ESCOLHA DO NOME.....	211
SITUAÇÃO PSICOLÓGICA.....	212
ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DE NOMES TEOFÓRICOS ACÁDICOS	213
AS PALAVRAS DE PARENTESCO COMO ELEMENTO NA FORMAÇÃO DE NOMES PESSOAIS	214
NOMES-FRASE QUE EXPRESSAM AGRADECIMENTO, DESEJO DE RELACIONAMENTO DURADOURO COM DEUS, CONFIANÇA.....	215
PRESENTE DURATIVO.....	215
NOMES-FRASE (SATZNAMEN)	216
NOMES TEOFÓRICOS NA LÍNGUA ACÁDICA (2000 A 500 A.C.)	216
SIGLAS DAS FONTES.....	216
NOME-AGRADECIMENTO	218
<i>Agradecimento ao deus (protetor) pelo nascimento do herdeiro.....</i>	218
INVOCÇÃO DE DEUS CUSTÓDIO AO LADO DE UMA GRANDE DIVINDADE DA CIDADE.....	218
EXCLAMAÇÃO DE ALEGRIA	219
CONFISSÃO DE ALEGRIA	219
EXCLAMAÇÃO DE GRATIDÃO E ALEGRIA.....	219
NOME-GRATIDÃO	219

PEDIDO.....	220
DESEJO.....	221
DEUS CUSTÓDIO (<i>SCHUTZGOTT</i>).....	227
DEUS PATRONO.....	228
NOMES E ATRIBUTOS.....	229
EPÍTETOS DIVINOS.....	229
ÍNDICE DOS NOMES TEOFÓRICOS COM ILU-ILI NO FIM DO NOME.....	235
BIBLIOGRAFIA.....	246
I. NOMES TEOFÓRICOS – NOMES PESSOAIS – PERSONENNAMEN – PERSONAL NAMES.....	246
CAPÍTULO XI	
UM MONOTEÍSMO IMPLÍCITO DAS RELIGIÕES SEMITAS?.....	251
DEUS COMO HIPÓSTASES DE MARDUC.....	260
CAPÍTULO XII	
NOMES TEOFÓRICOS EM HEBRAICO BÍBLICO.....	267
1. NOME-SUBSTANTIVO TEOFÓRICO.....	268
2. NOME-FRASE TEOFÓRICO.....	268
3. O NOME DIVINO 'EL NOS NOMES TEÓFOROS.....	269
NOMES TEOFÓRICOS NOS QUAIS O NOME DIVINO 'EL APARECE EM SEGUNDO LUGAR.....	275
BIBLIOGRAFIA.....	284
GRAMÁTICA DE HEBRAICO EM PORTUGUÊS.....	284
DICIONÁRIOS HEBRAICOS EM PORTUGUÊS.....	292
CAPÍTULO XIII	
A NOÇÃO DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO HEBRAICO.....	293
BIBLIOGRAFIA.....	299
I. EL – ELOHIM.....	299
CAPÍTULO XIV	
A RELIGÃO DOS PATRIARCAS.....	301
1. A TEORIA DOS PATRIARCAS COMO ADORADORES DE ELIM (DEUSES).....	303
2. A TEORIA DOS PATRIARCAS COMO ADORADORES DOS “DEUSES DOS PAIS”.....	305
3. TEORIA DOS PATRIARCAS COMO ADORADORES DE EL (DEUS).....	308
4. REFLEXÕES CONCLUSIVAS.....	312
O EXCLUSIVISMO.....	315
O INCLUSIVISMO.....	317
<i>Cristo nas religiões do mundo</i>	318
O PLURALISMO.....	321
<i>Pluralismo religioso e relativismo</i>	321
<i>Ortodoxia e ortopraxis</i>	322
<i>A tolerância na Bíblia</i>	325

BIBLIOGRAFIA	326
I. PATRIARCAS	326

CAPÍTULO XV

POLITEÍSMO E MONOTEÍSMO NA LINGUAGEM DO ANTIGO TESTAMENTO	327
O POLITEÍSMO DO ORIENTE ANTIGO	330
O MONOTEÍSMO EM ISRAEL	333
DUAS LINGUAGENS E NÃO DUAS REALIDADES	336
O “CIÚME DE JAHVÉ” COMO DECORRÊNCIA DA REVELAÇÃO JUDAICO-CRISTÃ	338
BIBLIOGRAFIA	340
1. POLITEÍSMO E MONOTEÍSMO NA LINGUAGEM DO ANTIGO TESTAMENTO	340

CAPÍTULO XVI

A RELIGIÃO DE ISRAEL NO CONTEXTO HISTÓRICO DO CRESCENTE FÉRTIL	343
O MÉDIO ORIENTE ANTIGO	344
O CRESCENTE FÉRTIL.....	344
A INCULTURAÇÃO DA BÍBLIA	346
INCULTURAÇÃO NA BÍBLIA	350
CULTURA PATRIARCAL E INCULTURAÇÃO BÍBLICA	351
COSTUMES JURÍDICOS.....	351
INCULTURAÇÃO DE ISRAEL NA TRADIÇÃO JURÍDICA DA MESOPOTÂMIA	352
MATRIMÔNIO.....	352
DIREITO DE PRIMOGENITURA	353
LEI DO LEVIRATO	353
VENDA DE ESCRAVOS.....	354
LEI DE TALIÃO	354
INDENIZAÇÃO DE DELITO	354
GUARDA DE ANIMAIS	355
OS TERAFIM.....	355
CONCLUSÃO	356
BIBLIOGRAFIA	357
ISRAEL – RELIGIÃO	357
<i>Qumran</i>	365

CAPÍTULO XVII

A TEOLOGIA DOS PATRIARCAS	367
CONCLUSÃO SOBRE A INCULTURAÇÃO NA ERA PATRIARCAL	370
OS ISRAELITAS NO EGITO	371
BIBLIOGRAFIA	375

CAPÍTULO XVIII

HISTÓRIA DE MOISÉS	379
AS PRAGAS DO EGITO	383
A ALIANÇA MOSAICA	384
CONCEITO DE ALIANÇA	386
MONOTEÍSMO MOSAICO?	389
ORIGEM DO MONOTEÍSMO	390
BIBLIOGRAFIA	395
HISTÓRIA DE MOISÉS	395

CAPÍTULO XIX

COSMOVISÃO DOS SEMITAS	397
AS DIVINDADES PRINCIPAIS DO PANTEÃO MESOPOTÂMICO	400
COSMOGONIA E ANTROPOGÊNESE EM ISRAEL	402
COSMOGONIA FENÍCIO-CANANEIA	403
BIBLIOGRAFIA	406
COSMOVISÃO DOS SEMITAS	406

CAPÍTULO XX

INCULTURAÇÃO DA FÉ DE ISRAEL NA CULTURA DO EGITO	407
O HINO A ATON	410
HISTÓRICO	410
O CONTEXTO ORIGINAL DO "HINO AO DEUS ATON"	411
HINO A ATON	413
TEXTO DO HINO A ATON	414
CORRESPONDÊNCIA ENTRE O HINO A ATON E O SALMO 104	422
RELAÇÕES ENTRE O SALMO 104 E O HINO A ATON	425
BIBLIOGRAFIA	428
I. EGITO	428
 POSFÁCIO	 431

ELENCO BIBLIOGRÁFICO COM SUAS SIGLAS

ABIG: Arbeiten zur Bibel und ihrer Geschichte; Lp.

AcBib: Acta Pontificii Instituti Biblici; R.

ACCS: Ancient Christian Commentary on Scripture; DG.

ACPQ: American Catholic Philosophical Quartely; Wsh.

ActBib: Actualidad Bibliográfica; Barc.

AcTh(B): Acta Theologica; Bloemfontein.

AETSC: Annales de l'École Théologique Saint-Cyprien; Yaoundé, Cameroun.

AfR: Archiv für Religionsgeschichte; Stu.

AGWB: Arbeiten zur Geschischte un Wirkung der Bibel; Stu.

AHlg: Anuario de historia de la iglesia; Pamplona.

AJBS: African Journal of Biblical Studies; Ado-Ekiti, Nigeria.

AJEC: Ancient Judaism & Early Christianity; Lei.

AJSR: Association for Jewish Studies Review, Whaltham, MA.

Ä&L: Ägypten und Levante; Wien.

AltOrf: Altorientalische Forschungen; B.

AME: Antropology of the Middle East; NY.

AMIT: Archäologische Mitteilungen aus Iran und Turan; B.

AnBru: Analecta Bruxellensia; Bru

AncYB: Anchor Yale Bible; NHv.

ANESst: [Abr-n]: Ancient Near Eastern Studies; Melbourne.

- AnnTh:** Annales Theologici; R.
AnScR: Annali di Scienze Religiose; Mi.
AnStR: Annali di studi religiosi; Trento.
AntOr: Antiguo Oriente; BA.
AramSt: Aramaic Studies; L.
ARET: Archivi reali di Ebla, testi; R.
ARGU: Arbeiten zur Religion und Geschichte des Urchristentums; Fra.
ARJ: The Annual of Rabbinic Judaism; Lei.
ASJ: Acta Sumerologica; Kyoto, Japan.
ATM: Altes Testament und Moderne; Münster.
AuOr: Aula Orientalis (S: supplement); Barc.
AWE: Ancient West & East; Lei.
B&B: Babel and Bibel; Moscow.
BaChr: The Bible in Ancient Christianity; Lei.
BABC: Butlletí de l'Associació Bíblica de Catalunya.
BAEE: Boletín de la Asociación Española de Egiptología.
BASOR: Bulletin of the American Schools of Oriental Research; Ph.
BAIAS: Bulletin of the Anglo-Israel Archeological Society; L.
BBR: Bulletin for Biblical Research WL.
BCSMS: Bulletin of the Canadian Society for Mesopotamian Studies; Toronto.
BEGS: Bulletin of the Egyptological Seminar; NY.
BHQ: Biblia Hebraica Quint; Stu.
Biblioteca EstB: Biblioteca de Estudios Bíblicos; S.
BiCT: The Bible and Critical Theory; Monash University ePress.
BaS: La bibbia nella storia; Bo.
BolT: Boletín teológico; BA.
BOTSA: Bulletin for Old Testament Studies in Africa; Stavanger.
BPOA: Biblioteca del Próximo Oriente Antiguo; M.
BPVU: Biblische Perspektiven für Verkündigung und Unterricht; B.
BSAIN: British School of Archeology in Iraq. Newsletter; L.
BSEG: Bulletin de la Société d'Égyptologie; Genève.
BSGJ: Bulletin der Schweizerischen Gesellschaft für Judaistische Forschung; Z.
BuBB: Bulletin de bibliographie biblique; Lausanne.
CahPhRel: Cahiers de l'École des Sciences philosophiques et religieuses; Bru.
CAL.N: Comprehensive Aramaic Lexicon, Newsletter; Cincinnati.

- CamArchJ:** Cambridge Archaeological Journal; C.
- CBET:** Contributions to biblical exegesis and theology; Lv.
- CBRL:** Bulletin of the Council for British Research in the Levant; L.
- CCO:** Collectanea Christiana Orientalia; Córdoba.
- CEJIL:** Commentaries on Early Jewish Literature; B.
- CHANE:** Culture and History of the Ancient Near East; Lei.
- CMAO:** Contributi e Materiali di Archeologia Orientale; R.
- CQus:** Companion to the Qumran Scrolls; L.
- CSMSJ:** The Canadian Society for Mesopotamian Studies Journal; Toronto. 1911-8643.
- CuBR:** Currents in biblical research; L.
- CurResB:** Currents in Research: Biblical Studies; Shf.
- DCLY:** Deuterocanonical and Cognate Literature Yearbook; B.
- DosB:** Les Dossiers de la Bible; P.
- DSBP:** Dizionario di spiritualità bíblico-patristica; R.
- DSD:** Dead Sea Discoveries; Lei.
- DT (B):** Divus Thomas; Bo.
- EBM:** Estudios Bíblicos Mexicanos; México.
- Eccl (R):** Ecclesia; R.
- EfMex:** Efemérides Mexicana; Tlalpan.
- EgArch:** Egyptian Archeology, Bulletin of the Egypt Exploration Society; L.
- FgNT:** Filologia Neotestamentaria; Córdoba.
- FIOTL:** Formation and interpretation of Old Testament literature; Lei.
- FoSub:** Fontes et Subsidia ad Bibliam pertinentes; B.
- HBM:** Hebrew Bible Monographs; Shf.
- HIL:** Das Heilige Land; Köln.
- HPolS:** Hebraic Political Studies; J.
- HTSTS:** HTSTS Theologiese Studies/Theological Studies; Pretoria.
- ImAeg:** Imago Aegypti; Gö.
- IRBS:** International Review of Biblical Studies; Lei.
- JAB:** Journal for the Aramaic Bible; Shf.
- JAGNES:** Journal of the Association of graduates in Near Eastern Studies; Berkeley, CA.
- JANER:** Journal of Ancient Near Eastern Religions; Lei.
- JCoptS:** Journal of Coptic Studies; Lv.
- JHScr:** Journal of Hebrew Scripture [electr. journal]; Edmonton.
- JNSL:** Journal of Northwest Semitic Languages; Stellenbosch.

JSem: Journal for Semitic; Pretoria.

JSQ: Jewish Studies Quarterly; Tü.

JSSc: Journal of Sacred Scriptures; Ujjain, India.

JSSEA: journal the Society for the Study of Egyptian Antiquities; Toronto.

KUSATU (KUSATU): Kleine Untersuchungen zur Sprache des Alten Testaments und seiner Umwelt; Waltrop.

LHBOTS: Library of Hebrew Bible/Old Testament studies; NY.

LingAeg: Lingua Aegyptia; Gö.

MEAH: Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos (**MEAH.A:** Árabe – Islam. **MEAH.H:** Hebreo); Granada.

NABU: Nouvelles Assyriologiques Brèves et Utilitaires; P.

NEA: Near Eastern Archaeology; Boston.

NIDB: New interpreter's Dictionary of the Bible; Nv.

OrExp: Orient-Express, Notes et Nouvelles d'Archéologie Orientale; P.

PJBR: The Polish Journal of Biblical Research; Kraków.

RANL.mor: Rendiconti dell'Accademia Nazionale dei lincei, Cl. Di scienze morali; R.

RBLit: Review of Biblical Literature; Atlanta.

REAC: Ricerche di egittologia e di antichità copte; Bo.

ResB: Reseña Bíblica; Estella.

RSBS: recent Research in Biblical Studies; Shf.

SAA Bulletin: State Archives of Assyria Bulletin; Padova.

SAAS: State Archives of Assyria, Studies; Helsinki.

SAIS: Studies in the Aramaic Interpretation of Scripture; Lei.

SBL.SCSt: Society of Biblical Literature, Septuagint and cognate Studies; Atlanta.

SBSI: Studia Biblica Slovaca; Svit. Scriptura; Stellenbosch.

SEAP: Studi di Egittologia e di Antichità Puniche; Pisa.

SSEJC: Studies in Scripture in Early Judaism and Christianity; L.

Strata: Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society; L.

TBAC: The Bible in Ancient Christianity; Lei.

VO: Vicino Oriente; R.

WAS: Wiener alttestamentliche Studien; Fra.

WBC: Word Biblical Commentary; Waco.

WUB: Welt und Umwelt der Bibel; Stu.

ZAR (.B): Zeitschrift für altorientalische und biblische Rechtsgeschichte (Beihefte); Wsb.

ZOrA: Zeitschrift für Orient-Archäologie; B.

PRESENTACIÓN

El volumen que aquí presento, por el gentil pedido de Dom João, como él prefiere ser llamado, es solamente una presentación, no un prólogo y mucho menos una recensión. Lo hago con mucho gusto y agradezco a Dom João que haya pensado en mí para esta tarea.

Conocí a Dom João hace muchos años, cuando yo era un joven profesor en el Pontificio Instituto Bíblico de Roma. Dom João buscaba una persona que pudiera dirigirle la tesis doctoral para el *Biblicum*, y como estaba en condiciones de leer el texto futuro de la tesis en portugués brasileño, alguien le sugirió mi nombre. En nuestra entrevista, me di cuenta que yo no era la persona indicada. Él había empezado sus estudios de lenguas, filosofía, teología y filología semítica, mucho antes que yo. No tenía yo, ni la autoridad cultural ni humana, para dirigirle la tesis. Lo puse pues en contacto con otro profesor del Instituto Bíblico, Pierre Proulx, SJ, más experimentado y competente que yo en lenguas semíticas, y con él Dom João empezó o continuó su trabajo. No nos volvimos a ver durante muchos años. Por eso, me sorprendió gratamente que pensara en mí para esta presentación, ahora profesor emérito del Instituto Bíblico y residente en Córdoba, Argentina.

El volumen que presento no es propiamente una tesis en el sentido habitual de los últimos años (estudio detallado de un argumento muy delimitado), sino más bien un amplio y erudito resumen de cincuenta y cinco años de lecturas, investigación y publicaciones de muchos autores y del mismo, Dom João.

Quien lea su prefacio y su “postfácio”, y al menos una parte de estos estudios, podrá apreciar el inmenso trabajo realizado: los años de lecturas; los profesores de primera cualidad con los cuales ha estudiado; los centros de estudios e investiga-

ción de relieve internacional, en los cuales Dom João ha pasado muchos años; su conocimiento de lenguas antiguas (semíticas) y modernas; la amplitud de su conocimiento teológico y filológico; la abrumadora bibliografía con la que ha trabajado; y tal vez, y sobre todo, la pasión que lo ha impulsado siempre a continuar sus estudios e investigaciones, aún en circunstancias que hubieran podido descorazonar a cualquiera: enfermedades serias o tareas requeridas por la orden religiosa, que tal vez no siempre eran las más adecuados para continuar el trabajo académico.

El volumen que presento está dividido en veinte secciones (más bien que capítulos) que incluyen temas que van desde la filología (textos antiguos con traducción y comentarios) hasta las elaboraciones teológicas y culturales. No hay *una* tesis delimitada, sino un amplio acercamiento, estrictamente académico, a una vasta cantidad de problemas relacionados con el tema central: el modo de concebir la divinidad en el mundo semítico.

Deseo a Dom João éxito con la publicación de este volumen por Edições Loyola.

Horacio Simian-Yofre, SJ
Profesor emérito del Pontificio Instituto Bíblico
24 de junio de 2014

INTRODUÇÃO

Comecei a pesquisa para a elaboração desta tese há 55 anos. Em 1958, matriculei-me no Pontifício Instituto Bíblico de Roma e nas Faculdades de Teologia e de Filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana. Nesse ano, o Padre Geral dos jesuítas nomeou-me diretor acadêmico do curso de Teologia dos seminaristas brasileiros que estudavam na Universidade Gregoriana e destinou-me a fazer os cursos de láurea em Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura para ser futuro professor nessa Universidade. Era a realização de todos os meus sonhos desde a infância. Minha vocação sacerdotal era especificamente ser professor das ciências eclesiais: Teologia, Filosofia, Sagrada Escritura e línguas bíblicas: grego, hebraico, aramaico e latim.

Em 1936, no começo de meu curso secundário, com 11 anos de idade, tive, na primeira série, aula de latim, inglês e francês. Foram as matérias que polarizaram todas as minhas atenções e minha energia. Estava lançando as bases para meus futuros estudos eclesiais e linguísticos. Logrei dominar a língua e a literatura latina elementar.

Em 1939, na quarta série ginásial, apaixonei-me pela gramática histórica da língua portuguesa. Pela primeira vez, ouvi falar de indo-europeu, de gramática comparada e das leis de Grimm e travei conhecimento com A. Meillet, A. Ernout, A. Magne e outros nomes de monstros sagrados da linguística e da gramática comparada, que mais tarde me seriam tão familiares.

Em 1942, ao terminar o curso secundário, fui transplantado de um modo totalmente impensável para o noviciado dos jesuítas em Nova Friburgo. A mudança foi violenta. De Orlandia, pequena cidade no norte do Estado de São Paulo,

fui cair em um castelo no coração da Serra dos Órgãos, em Nova Friburgo: o famoso Colégio Anchieta, denominado “o Chatô” pelas pessoas do lugar.

Depois do noviciado de dois anos, comecei, em 1944, o juniorado, isto é, dois anos de quatro horas de aulas diárias de grego clássico e latim. O estudo de humanidades clássicas, latim e grego, seguia o mesmo programa medieval, de três anos, denominado sucessivamente: 1. Suprema gramática; 2. Humanidade; e 3. Retórica. Como os nomes indicam, o primeiro era para aprofundar os estudos gramaticais de latim e grego. O segundo era dedicado à leitura e à interpretação dos autores clássicos da literatura greco-latina. O curso de retórica coroava os estudos dos autores clássicos, com exercícios de redação, em latim e grego, em prosa e poesia, imitando o estilo dos escritores, historiadores, filósofos, oradores e poetas épicos, líricos e trágicos, latinos e gregos.

A pedagogia dos jesuítas, no estudo da língua e da literatura greco-latina, consistia não apenas na imitação dos autores clássicos, mas principalmente na memorização de textos importantes dos pensadores e dos poetas gregos e latinos. Decorei em grego a *Ilíada* de Homero, a *Apologia de Sócrates* de Platão, a *Anábase* (*A retirada dos dez mil*) e a *Ciropedia* de Xenofonte. Decorei em latim o canto segundo da *Eneida* de Virgílio, a *Arte poética* e várias poesias de Horácio; de Júlio César, decorei *De Bello Gallico*. De modo especial, interessei-me pelos discursos de Cícero.

Ao terminar meus estudos de humanidades clássicas greco-latinas, fui prostrado pela tuberculose. O único tratamento naqueles idos eram o repouso e a alimentação. Trasladei-me para um bosque dos jesuítas em Campos do Jordão. Foram dois anos de repouso (1946 e 1947) — repouso físico, mas com intensa atividade mental. No meio do bosque, havia um chalé onde um dos meus predecessores, o jovem jesuíta alemão Pe. Stein, tinha deixado um tesouro incalculável: a bíblia hebraica, editada por Rudolf Kittel (10. ed., Stuttgart, 1937); a Septuaginta, editada por Alfred Rahlfs (6. ed., Stuttgart, 2 v.); *O novum testamentum graece et latine*, editado por E. Nestle (11. ed., Stuttgart, 1932); Wilhelm Gesenius, *Hebräisches Handwörterbuch* (17. ed., 1954). Além disso, havia uma excelente gramática de hebraico, escrita em latim pelo beneditino B. Ubach: *Legisne Toram? Grammatica Practica Linguae Hebraicae* (Monserrat, 1919, 2 v.).

Esses eram os livros existentes na estante do chalé no bosque, em Campos do Jordão, para onde eu tinha sido enviado. No entanto, eram exatamente os livros de que eu necessitava e que me bastavam naquele momento. A Providência Divina tinha preparado meu futuro. Durante dois anos, segui o conselho de Horácio, quando fala dos autores gregos: “*Manu versate noturna, versate diurna*”.

O regime obrigatório do repouso diário me propiciava a ocasião para perflustar o evangelho grego de São João, que permaneceu comigo, em meu leito. Sem

professor de hebraico, decorei a gramática hebraica de Ubach — coisa que não recomendo a ninguém. Mais tarde, quando comecei a estudar hebraico com um mestre jesuíta, em São Leopoldo, aprendi mais em um mês do que em dois anos de estudo autodidata, pois perde-se muito tempo com o estudo de questiúnculas absolutamente secundárias, que nada contribuem para a leitura e a compreensão do texto bíblico.

Com a descoberta da estreptomicina em 1946, fiquei curado em três meses. Retornei ao “chatô” de Nova Friburgo. Tive a alegria de começar o curso de Filosofia com a análise do texto grego da *Ética a Nicômaco*, ministrado pelo extraordinário helenista Pe. Felix Pereira de Almeida.

Em 1949, prestei o exame de licença em Filosofia. De 1951 a 1953, fiz meu magistério, lecionando diariamente grego clássico, latim, francês e português, aos meus jovens irmãos jesuítas, em Nova Friburgo. Em 1954, comecei o curso de teologia em São Leopoldo, na Faculdade de Teologia dos jesuítas. Tive a oportunidade de aprofundar meus estudos hebraicos. Tive dois professores excepcionais, Pe. Joseph Mors, autor do curso monumental de teologia, em 10 volumes, escritos em latim; e, em Sagrada Escritura, Pe. Balduino Kipper, mestre insigne do hebraico e do aramaico bíblico.

Em 1956, ao prestar meu exame de licenciatura em Teologia, recebi um telegrama do Superior-Geral dos jesuítas, destinando-me a ser professor na Universidade Gregoriana. Deveria preparar-me fazendo três cursos e três teses para a láurea em Sagrada Escritura, Teologia e Filosofia em Roma. Ao mesmo tempo, destinou-me para diretor acadêmico do curso de teologia dos seminaristas brasileiros residentes no Collegio Brasiliano, em Roma.

Em 1957, instalei-me no Pontifício Collegio Brasiliano de Roma. Aí passei praticamente sete anos. Transformei-me, ou melhor, continuei sendo uma máquina de estudar. Assistia diariamente, todas as manhãs, às aulas de todos os professores de Teologia da Gregoriana, para fazer, à tarde, a “repetição” com os seminaristas brasileiros.

Durante esses anos, com algumas intermitências, permaneci aí. Passava as férias de verão invariavelmente na Alemanha, participando de cursos de verão em Frankfurt, na faculdade dos jesuítas, ou em Düsseldorf e Munique.

Somando todos os meus cursos, passei onze anos em Roma. Morei na Universidade Gregoriana, no Colégio Belarmino e mais tempo no Pontifício Instituto Bíblico, onde desde 1959 pude conviver com a elite intelectual dos jesuítas do mundo inteiro. Fui aluno de A. Bea, futuro Cardeal, de Pe. Pohl, a maior sumidade em sumeriologia e assiriologia do século passado. Durante três anos, pude seguir os cursos de três jesuítas americanos famosos, especialistas em acádico, ugarí-

tico, hebraítico, línguas cananeias, aramaico, hebraico, siríaco, árabe e etiópico: Pe. W. Moran, um dos coordenadores do *Chicago Assyrian Dictionary* (CAD); Pe. M. Dahood, a maior autoridade nos estudos ugaríticos, heblaita e dialetos cananeus; Pe. North, sumidade em arqueologia do Próximo Oriente e especialista na língua árabe, com suas ramificações: sabeu, mineano, hidramítico, catabanense, tamudeano, safaítico, e na língua etiópica, com seus dialetos: geez, tigrina e amárico. Dois italianos já idosos, mas sempre atuantes e fecundos escritores, Pe. Vaccari, cuja sabedoria tinha alçada de enciclopédia em todos os domínios do orientalismo e da assiriologia, e Pe. Patti, um dos remanescentes da linguística comparada indo-europeia, brindavam-nos periodicamente com cursos e palestras luminosas na área de suas especializações. Pe. Patti era especialista em sânscrito, línguas avéstica, pehlevica e iraniana e mestre do vedanta. Três helenistas jesuítas, exímios conhecedores da cultura grega, revalizavam-se com sua sabedoria: o francês Pe. E. des Places, célebre por seus estudos sobre a religiosidade das poesias gregas de todos os tempos; o alemão Pe. K. Prümm, perito no domínio da cultura grega do tempo do Novo Testamento; o professor alemão Pe. M. Zerwick, autor de uma das melhores gramáticas modernas do grego do Novo Testamento, que formou várias gerações de estudantes do grego bíblico. Com esses jesuítas, professores do Pontifício Instituto Bíblico, tive especial afinidade porque esse era também o ponto de convergência de meus estudos, durante toda a minha vida.

Dois professores muito amigos dos brasileiros e muito gentis eram o Pe. I. de la Potterie, especialista em São João, que primava por uma interpretação espiritual e teológica da bíblia, e o espanhol Pe. Alonso Schökel, que desde a juventude viveu no Pontifício Instituto Bíblico; conservando sua jovialidade, publicou famosas traduções do Antigo Testamento, escreveu um excelente dicionário hebraico e espanhol e deixou, por fim, sua obra-prima: *Biblia del peregrino* (tradução e comentário da bíblia), uma joia da língua espanhola.

Deixei para recordar, por fim, o jesuíta canadense Pe. Proulx, orientalista, professor de acádico, que aceitou dirigir-me na pesquisa do material para esta tese e passou as férias de verão em Innsbruck comigo, orientando-me na seleção de material da excelente biblioteca de orientalismo da Universidade de Innsbruck e na interpretação de alguns escritos cuneiformes.

Em 1961, fui para Münster, na Alemanha, onde me inscrevi na Faculdade de Assiriologia e de Teologia da Universidade. O professor W. von Soden aceitou-me como aluno quase particular. Éramos apenas dois estudantes! Uma aula semanal de três horas. Durante um semestre, tivemos de aprender a língua acádica, analisando na íntegra o código de Hamurabi. Frequentei o curso de orientalismo e arqueologia oriental do mesmo professor Von Soden. Um dos principais professores de cultura semita era então o professor Hans Wehr, autor de um monumen-

tal dicionário da língua árabe; com ele tive o curso de árabe clássico, de siríaco, de islamologia e de arqueologia do Próximo Oriente.

Depois de meus estudos acadêmicos em Münster, fui fazer um estágio de três anos na Palestina. Comecei residindo na Universidade Saint-Joseph, dos padres jesuítas, em Beirute, onde convivi com alguns célebres jesuítas semitizantes: A. de Jerphanion; Allard Michaël; J. Ducruet; P. Mouterde; J. Mécérian; e sobretudo o célebre professor de filologia semita: H. Fleisch, autor de numerosas obras científicas, entre as quais sua densa obra-prima *Introduction a l'étude des langues sémitiques*, que me serviu de inspiração no começo de minhas investigações.

Situada a 33 quilômetros de Beirute, mas a 1.500 metros de altura, está uma das mais encantadoras vilas do Líbano, Bikfaya, célebre por seus frutos, sobretudo figo e damasco, seus vinhedos, suas fontes termais e sua magnífica vista panorâmica do Djebel Sanim, no maciço do monte Hermon. Era nesse paraíso que estava situado o antigo noviciado dos jesuítas libaneses, com a célebre igreja Notre-Dame de la Delivrance. Era uma residência com 23 jesuítas. Em 1963, funcionava aí o famoso curso de retórica árabe, coordenado pelo amável Pe. André D'Alverny. Além dos 11 jesuítas que aí se aprofundavam no conhecimento do árabe, havia um bom número de religiosos de outras congregações e também pastores protestantes que estudavam árabe para ser missionários em vários países arabofones da África e da Ásia. Pe. D'Alverny tinha implantado um novo método de estudo da língua e cultura árabe e, há 40 anos, com sólida experiência, era o coordenador dos professores. O curso de Bikfaya era dependente da Universidade Saint-Joseph de Beirute. Foi aí que passei dois anos estudando árabe e islamologia, tendo como companheiros onze jovens jesuítas, um sacerdote missionário do Tchade e nove escolásticos holandeses.

Em 1964, os superiores, achando que eu já dominava a língua árabe, nomearam-me capelão dos alauitas. Os alauitas são os antigos cananeus, cuja tradição remonta a sete mil anos. Sofreram alguns impactos das várias culturas subsequentes: hebraica, cristã e muçulmana, mas no âmago preservaram a religiosidade cananeia ancestral. Em 1945, no tempo do protetorado francês, uma parcela desse clã converteu-se ao cristianismo. Foi dessa gente que fui nomeado capelão. Minha residência em Jnainet Reslam (Safita) serviu de ponto de apoio para minhas excursões arqueológicas no Líbano, em Israel, na Síria e na Jordânia. Em minhas missões arqueológicas, experimentei sempre a fraterna colaboração e compreensão de meus irmãos jesuítas de Homs, Hama, Damasco e Bikfaya, bem como de tantos outros missionários itinerantes, como Pe. A. Roussos e Pe. J. Naffa.

Como capelão dos alauitas, em Jnainet Reslam, durante dois anos, tive aí meu “escritório” central, de onde partiam todas as minhas excursões arqueológicas em Palmira (Tadmor), Lataquia (Laudiceia), Ugarit (Ras Shamra). Interessei-

me por uma prospecção hidráulica no Rio Oronte, documentando em dispositivos suas fantásticas nórias, que há séculos mantêm a irrigação dos pomares e dos vinhedos nos arredores de Homs e Hama. Publiquei na *Enciclopedia Luso-Brasileira de cultura* (Editorial Verbo) 25 comunicações sobre essas minhas diferentes investigações arqueológicas no Próximo Oriente. Regressando a Roma, defendi minha tese de láurea em Teologia, que versava sobre os anjos na teologia de Karl Rahner: a *Angelologia de Karl Rahner*, publicada pela Editora Santuário, em 1997. Em 1998, defendi, com o Pe. J. de Finance, minha tese de filologia sobre *O Deus dos indo-europeus – Zeus e a protorreligião dos indo-europeus*, publicada por Edições Loyola, em 1999. Escrevi minha tese doutoral em Sagrada Escritura, que eu defenderia em 1998, mas, ao ser eleito membro da Pontifícia Comissão Bíblica, fui dispensado da defesa; continuei então a aperfeiçoar minhas pesquisas, nas quais estou trabalhando há 55 anos ininterruptamente. Comecei-as em 1958 e espero publicá-las ao completar meus 90 anos, em 2015, se Deus quiser.

Agradeço à Companhia de Jesus, que me deu todo o apoio e o estímulo para minha formação e sem a qual esta tese nem seria pensável. De modo especial, quero de coração agradecer a três superiores provinciais que me compreenderam e me deram o estímulo nestes meus 73 anos de vida religiosa na Companhia de Jesus, na qual fui recebido em 1942: Pe. A. Cardoso, Pe. A. Aquino e, de modo especial, Pe. João Augusto Anchieta Amazonas Mac Dowell. Dois irmãos jesuítas merecem também um agradecimento muito especial, Pe. T. Paulo Severino Peters, o melhor reitor que tive na Companhia de Jesus, e Pe. A. Iasi, companheiro de noviciado e meu arrimo nos primeiros passos como Bispo em Recife.

Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!



Comprar

Clique no ícone azul 